

Identificação do Objeto

Número: 84.043
Coleção: Museu do Zebu
Categoria do Acervo: Uso Profissional e Técnico
Classificação: Item de uso profissional (domesticação de animais)
Título: Vara de Ferrão
Data e Modo de Aquisição: 02.10.1984 / doação
Código do Doador: 009
Data atribuída: Segunda metade do século XX
Origem: Uberaba, MG
Material e Técnica: madeira, entalhe, polimento e verniz
Conservação: Bom
Dimensões: 100,8 Cm

Descrição e Dados Históricos do Objeto

As esporas são utensílios utilizados para pressionar o animal de montaria a se locomover. São projetadas para serem fixadas nos pés do montador, geralmente. Acredita-se que objetos similares a esse foram usados por civilizações antigas desde o processo em que se verificou a formação dos Estados Teocráticos na Antiguidade, há cerca de 4.000 a.C. Entretanto, vestígios históricos afirmam que essas primeiras esporas eram feitas a partir de uma espécie de agulha grossa, de material duro, que se prendia ao calcanhar. Esses tipos continuaram sendo usados até o século XII, sem muitas alterações, sofrendo modificações apenas nos tamanhos. Nessa época, o item era usado em apenas um dos pés, normalmente. Foi por volta do século XIV, que apareceu a roseta giratória com uma espécie de círculo cravejado de “espinhos” moldados através da fundição de metais. Quando os cavaleiros medievais vestiam armaduras da cabeça aos pés, as pernas, quase imobilizadas, precisavam de esporas bem compridas para tocar o animal. Consideradas obras de arte, eram fabricadas por artesãos e fabricantes de armas mais famosos da Itália e da Alemanha. Durante o auge da cavalaria, a espora foi o distintivo mais apreciado dos cinco considerados "as grandes honras" que distinguiam um cavaleiro. Alguns cavaleiros possuíam esporas de ouro, e tirá-las na frente de alguém era considerado sinal de homenagem. Até o século IX, inclusive os religiosos que participavam de combates montados usavam esporas. Dentre as várias condecorações famosas, a Ordem da Espora de Ouro foi criada pelo Papa em 1500. Com o passar do tempo, foram adquirindo a forma e função que possuem hoje. Mesmo sendo uma atividade de origem antiga, a pecuária surgiu no Brasil a partir do século XVII, na região Nordeste. Com a descoberta dos metais preciosos na região de Minas Gerais no século XVIII, a atividade foi transferida para os polos Sul e Sudeste, mais especificamente em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Nessas atividades, em especial as pecuárias bovina e equina, o uso das esporas tornou-se popular entre os vaqueiros, boiadeiros e tropeiros. Vários aspectos culturais, como as tradições que envolvem a vida comum dos pecuaristas, incorporaram à esses e outros itens certa relevância peculiar. À medida que a atividade se expandiu pelo país, festividades e outras tradições como os rodeios (influenciados

pelo estilo “cowboy” do Texas estadunidense), os leilões e as festas juninas, por exemplo, ajudaram a tornar assíduo o uso desses objetos, conferindo-lhes ornamentos cada vez mais estilizados. Mesmo sendo impossível deixar de notar certa redução da influência de grande parte dos aspectos culturais vinculados ao espírito agrário do país (predominante até a segunda metade do século XX) após a ascensão industrial dos meios de produção, diversa variedade de adornos e símbolos passaram a fazer parte do acessório, tornando parte dessa tradição persistente até os dias atuais. Essa espora avulsa foi doada ao Museu do Zebu em 17 de novembro de 2009 pelo professor Hugo Prata. Pertencente à família com longa tradição na introdução e criação de animais zebuínos no Triângulo Mineiro, é engenheiro agrônomo, escritor, contista e pesquisador. Tornou-se referência ao publicar obras consideráveis sobre o zebu, explorando temas que privilegiam a pesquisa científica, a memória, a história e a literatura. Foi presidente do Museu do Zebu por vários anos, onde ocupa atualmente o cargo de Assessor Cultural e Conselheiro nessa mesma instituição. A confecção do item foi feita através da moldagem e soldagem em ferro maciço, seguindo o formato côncavo, onde as esporas pontiagudas estão fixadas a uma rodela presa à base resistente localizada na parte exterior do adorno, então projetado para ser acoplado perfeitamente no calcanhar do montador. A fabricação corresponde à primeira metade do século XX, aproximadamente. Apresenta sinais de corrosão, sendo o seu estado de conservação considerado regular. A relevância histórica desses objetos encontra-se na análise acima, além de possuir origem intrínseca ao meio rural em que a atuação dos primeiros criadores contribuiu de modo direto ou indireto para o desenvolvimento da zebuicultura na região.